

# brotéria

cultura e informação

MILÉNIO DA CRISTANDADE RUSSA

PERGUNTA DE DEUS

GOVERNAR À REI ARTUR

FERNANDA DE CASTRO

UMA ESCRITORA EUROPEIA

DESCOBRIMENTOS EM ZURARA

DIÁLOGO: FUTURO DO TRABALHO

POESIA DE MELO NETO

«HUMUS» DE RAUL BRANDÃO

VINTILA HORIA

DINAMISMO EMERGENTE ...

VOL. 125 - N.º 6

DEZEMBRO 1987



# brotéria

cultura e informação

Série mensal

VOL. 125 • N.º 6

DEZEMBRO 1987

ISSN 0870-7618

## SUMÁRIO

Constantino Simon, S.J.

- O MILÉNIO DA CRISTANDADE NO RUS' . . . . . 485

( John Navone, S.J.

- A DINÂMICA DA PERGUNTA NA BUSCA DE DEUS . . . . . 496

Mário Martins

- ARTE DE BEM GOVERNAR, PARA O REI ARTUR E OS HOMENS DE HOJE . . . . . 515

Alves Pires

- AO FIM DA MEMÓRIA, DE FERNANDA DE CASTRO . . . . . 522

( I. Ribeiro da Silva

- MARGUERITE YOURCENAR EM FOCO . . . . . 530

( António da Silva

- EXPANSÃO PORTUGUESA E MENTALIDADE RELIGIOSA (Relendo Gomes de Zurara) . . . . . 537

### PARA O DIALOGO :

- *O futuro do trabalho* (J. N. Schasching, S.J.). («Poesia Completa» (1940-1980), de João Cabral de Melo Neto (Mário Garcia). «Humus», de Raul Brandão 70 anos depois (José Maria Murteira). *A Ogiva e a Cúpula* (João Bigotte Chorão). *O dinamismo emergente do mistério* (em «A Confissão de Lúcio») (F. M. Sampaio Gomes).

### BIBLIOGRAFIA

- *Filosofia . Psicologia e Pedagogia*

### INDICES

### OBRAS RECEBIDAS NA REDACÇÃO

Yourcenar (Marguerite)

## MARGUERITE YOURCENAR EM FOCO

por I. RIBEIRO DA SILVA

«Cada um de nós tem mais poder  
sobre o mundo do que imagina ter».

LES YEUX OUVERTS<sup>(1)</sup>

A notícia correu célere, a 19 de Outubro passado. No âmbito do I Festival Europeu de Escritores, a decorrer então em Estrasburgo sob os auspícios do Conselho da Europa, um júri composto por quinze críticos literários e outros tantos editores escolhia Marguerite Yourcenar como escritor europeu de 1987, galardoando-a, em consequência, com o Grande Prémio Escritor Europeu do Ano.

Embora sem interesse monetário — a dar crédito ao que foi divulgado, a escritora de 84 anos receberia como prémio apenas uma obra de arte simbólica — esta primeira distinção no género veio, todavia, pôr tanto mais em foco a autora de *Memórias de Adriano* quanto eram de peso os três outros finalistas como candidatos à inauguração dum troféu que implica certamente significativo realce para a obra do contemplado; esses três escritores a quem Yourcenar ultrapassou na recta final da corrida para o Grande Prémio Escritor Europeu do Ano eram: o checo Milan Kundera, o austríaco Thomas Bernhard e o italiano Leonardo Sciascia.

De origem belga e radicada desde 1939 nos Estados Unidos, a sucessora de Roger Caillois na Academia Francesa, e única «académica»

(1) Marguerite Yourcenar, *Les yeux ouverts*, entretiens avec Matthieu Galey. Le Centurion, Paris, 1980, p. 239; existe trad. brasileira com o título *De olhos abertos*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983.

na história desta instituição, já conquistara anteriormente dois prémios europeus: o Prémio Fémina em 1968 e o Prémio Mónaco em 1972.

A recente distinção atribuída em Estrasburgo e em contexto muito específico, qual é o dum Festival de escritores europeus que se realiza pela primeira vez, terá decerto um significado singular a que importa prestar atenção; sobretudo, tratando-se duma escritora de vasta cultura e grande erudição, cuja vida, mesmo ao nível do quotidiano, tem sido compreendida «como o reflexo inteligente da nossa época», cuja obra indicia inegável mordência «nas grandes correntes da história e das ideias» e que, além do mais, se apresenta dotada desse raro «dom de elevar sempre o debate, recolocando os seres, os acontecimentos, as circunstâncias numa perspectiva à medida do Homem»<sup>(2)</sup>.

Quaisquer que tenham sido as razões determinantes da atribuição do prémio, mesmo que, porventura, tenha havido movimentações de bastidores, sempre possíveis, para preterir um escritor em favor de outro, o certo é que o facto em si, projectado também na actual circunstância europeia e do mundo, não deixará de representar um sinal.

É por isso que, desconhecendo ao momento os termos justificativos da atribuição do prémio (se os houve), aproveitamos o ensejo para alinhar aqui por conta própria algumas ideias no sentido de arriscar compreender, talvez muito por longe e de maneira fragmentária, o alcance desse sinal. Isso tratando-se para mais duma escritora constantemente preocupada com o «estado do mundo» e que sublinha a necessidade de integração numa cultura universal por parte de cada cultura nacional, afirmando de si própria: «Tenho várias culturas, como tenho vários países. Pertença a todos»<sup>(3)</sup>; mas isso também na base da dificuldade, reconhecida, aliás, pela própria Yourcenar logo no começo de *Mishima ou a visão do vazio*<sup>(4)</sup>, de julgar um grande escritor contemporâneo, já que não dispomos daquela perspectiva que só o tempo pode conceder.

Ousaríamos afirmar, logo de entrada, que muito do humanismo e da sabedoria da primeira laureada com o Grande Prémio Escritor Europeu do Ano se espelha e condensa de certo modo na evocação que ela faz, com indistigável fervor, da escritora Jeanne Vietinghoff, cujos livros mais não são do que «um comentário ao poema da sua vida»

(2) *Ib.*, pág. de apresentação do vol.

(3) *Ib.*, p. 256.

(4) *Mishima ou la vision du vide*, Gallimard, Paris; trad. port. na edit.ª Relógio D'água, Lisboa, s/d.

ou apenas «as cinzas de um admirável braseiro» porque inferiores à realidade em que se inspiram.

Esta evocação, que ela intitula «Em memória de Diótima», vamos encontrá-la em *O tempo, esse grande escultor* <sup>(5)</sup>.

Logo na frase de começo, como que se nos dá a pressentir, num relâmpago, a qualidade daquilo que instintivamente nos prende e mobiliza por inteiro porque irrompe do melhor do ser humano: «Existem almas que nos fazem acreditar que a alma existe». E, mais adiante, diríamos que se nos afigura surpreender Yourcenar comprazendo-se, com olhos de ternura e gestos de filigrana, em «afastar tudo o que é involúcro, aparência, superfície» para atingir no fundo «o coração desta rosa» e nos dar a sentir a qualidade do seu íntimo calor.

Como a sua admiradora, também Vietinghoff se orgulhava das suas raízes cristãs e assumi-as com todos os benefícios que elas lhe legaram, mesmo se, depois, foram as duas abraçando uma espécie de eclectismo mais místico do que religioso, embora na convicção de que era sempre ao mesmo Deus que obedeciam: «Incansável movimento de uma alma sempre a caminho: este modo místico de viver é apenas uma partida permanente».

À semelhança da autora de *L'intelligence du bien*, em cujas notas à margem de Tagore entrevê Yourcenar como que o poema da sua vida — «Tudo o que vejo parece-me um reflexo, tudo o que ouço, um eco distante, e a minha alma procura a forma maravilhosa, pois tem sede de água pura. Passam-se os séculos e gasta-se o mundo, mas a minha alma permanece jovem; vigia entre as estrelas na noite do tempo — também a entrevistada de *Les yeux ouverts* foi essa alma disponível que recebeu «a grande lição das coisas».

Tal aconteceu precisamente porque Yourcenar soube manter, na sua paixão pela vida, os olhos bem abertos («a cegueira, longe de aumentar a nossa capacidade de amar, restringe o horizonte onde se move o nosso amor», diz-nos ela comentando um texto de Vietinghoff); e perseverou nessa atitude com a impressão bem sentida de que todo o seu ser outra coisa não era do que um cristal atravessado por algo que vinha de mais longe: «Tenho a impressão de ser um instrumento através do qual passaram correntes, vibrações. E isso é válido para todos os meus livros, e diria mesmo para toda a minha vida. Talvez

<sup>(5)</sup> *Le temps, ce grand sculpteur*, Gallimard, Paris, 1983; citamos aqui a trad. port. da Difel, Lisboa, pp. 173-176.

para toda a vida; e os melhores de entre nós talvez não sejam por sua vez mais do que cristais atravessados. Assim, a propósito dos meus amigos, vivos ou mortos, repito frequentemente a admirável frase que me disseram ser de S. Martinho, o 'filósofo desconhecido' do século XVIII ... 'Há seres através dos quais Deus me amou'. Tudo vem de mais longe e vai para mais longe do que nós» <sup>(6)</sup>.

E, porque tudo nos ultrapassa sentimo-nos «humildes e maravilhados» (*ib.*), como que envolvidos nessa simplicidade das mãos vazias e quase esbatendo a coragem dos próprios gestos, que *O tempo, esse grande escultor* releva em Jeanne Vietinghoff; era ela uma alma de esperança excessiva, que acreditou até ao fim «na juventude e no futuro do mundo», obstinando-se em ver nas debilidades e limitações humanas apenas «estilhaços de mármore, inevitável lixo que se acumula em volta duma obra de arte por acabar, no *atelier* do escultor».

Mais raro que o talento é a nobreza de alma. E, tanto em Vietinghoff como em Yourcenar, a escrita terá vindo, porventura, dar a conhecer a muitos a altura duma personalidade que, doutro modo, ficaria segredo de poucos. Essa personalidade, que tantas analogias nos parece apresentar numa e noutra escritora, estriba nessa sabedoria ascendente que a autora de *O tempo, esse grande escultor*, assim descreve, por reflexo da sua própria alma segundo julgamos: «Assim se desenrolou esta vida platónica. Jeanne Vietinghoff evoluiu sem cessar de uma sabedoria corrente para uma outra, mais alta, da indulgência, que desculpa, para a inteligência que compreende, da paixão de viver para o amor desinteressado pela vida ... A vida terrestre, que tanto amou, não era mais que o lado visível da vida eterna. Ela aceitou, sem dúvida, a morte como uma noite mais profunda do que as outras, a que sucederá uma manhã mais límpida. Queremos crer que não se enganou».

Se a citação foi longa, é porque nela nos pareceu adivinhar muito da arte e da sabedoria com que a laureada no I Festival de Escritores Europeus soube ordenar e ampliar o seu universo espiritual dentro dos contornos estreitos duma vida por si amada com paixão, mas que é sempre, como nos lembra em *Memórias de Adriano*, «menos vasta que os nossos projectos e mais enevoada que os nossos sonhos» <sup>(7)</sup>. Curta passagem do homem sobre a terra, a vida, «vertiginosa iminência», não oferece repouso a quem permanentemente se surpreende com o milagre

<sup>(6)</sup> *Les yeux ouverts*, p. 309.

<sup>(7)</sup> *Memórias de Adriano*, Ulisseia, Lisboa, 1981, p. 99.

de ser — «é diante daqueles que vivem que deveríamos ajoelhar como diante dum altar» — e encara o amor de alguém como «um presente tão inesperado e tão pouco merecido que devemos espantar-nos que não no-lo retirem mais cedo»<sup>(8)</sup>.

Aquela que tem a arte de escavar a História para que dela ressurgam formas vivas, que nos faz perscrutar os rumores adormecidos no silêncio do Passado<sup>(9)</sup> e, como o Miguel-Ângelo de *O tempo, esse grande escultor*, esquadrinha o mármore da vida «como se a verdade se encontrasse no coração das pedras», possui incontestavelmente o dom de atingir com naturalidade o essencial.

Habitando nas profundezas da memória, apreende Yourcenar, como ninguém, a densidade do presente através da deriva de todas as coisas que formam a trama da existência. E, discretamente, ela ensina-nos a tentar viver sempre «ao nível da felicidade» possível neste mundo, com paixão e paciência, preservando esse halo de solidão espiritual que empresta gravidade a tudo o que é belo: «as coisas puramente belas são solitárias como a dor do homem», e «iluminam-se de Deus».

Pela sabedoria vital que fica esparsa nas suas obras, pela lucidez e pedagogia do olhar — até ao sagrado quotidiano — que nos inculca em tantas páginas onde a magnanimidade de espírito se alia à compaixão, pela grandeza de vistas com que encara a aventura humana em todas as suas riquezas sem que o ecumenismo da visão sacrifique a subtilidade desse carácter «augural e sagrado» do pormenor, Marguerite Yourcenar é, realmente, uma escritora para a Europa com todo o peso da sua tradição cultural no mais amplo sentido e com todo o significado das suas responsabilidades em relação à humanidade inteira.

Por isso, a eleição da autora de *O labirinto do mundo* para o Grande Prémio Escritor Europeu do Ano, atribuído pela primeira vez neste último trimestre de 1987, não deixará de representar um sinal: um sinal de que a sabedoria é luminosa e o seu brilho inalterável, de que ela é melhor que a força, como diz o livro bíblico (cap. 6) acerca da Sabedoria, e de que só ela nos pode convencer, finalmente, a opor «à facilidade sinistra de morrer a dificuldade heróica de viver (ou de tentar viver), de maneira a fazer do mundo um lugar um pouco menos escandaloso», como se exprime por sua vez Yourcenar, orgulhosa das

(8) *O tempo, esse grande escultor*, pp. 20, 22, 19.

(9) Cf. Jean Mambrino, «Lire comme on se souvient», *Études*, Janvier 1984, p. 55.

suas raízes cristãs, em texto que recolhemos mais uma vez de *O tempo, esse grande escultor*<sup>(10)</sup>.

Aí mesmo, ela insiste em que «não é possível viver sem nos implicarmos» (127), quando o mundo é devorado por tantos fogos que o precipitam na direcção contrária à do sonho duma terra onde pudesse reinar um pouco mais de inteligência, de simplicidade, de bondade e de justiça. São essas as qualidades e virtudes do seu ideal de felicidade. E a tradutora de Virgínia Woolf, de Henry James, de Constantino Cavafy, dos Negro Spirituals e de Hortense Flexner desejaria vê-las implantadas em país da sua eleição e a resplandecer também nos homens e nas mulheres que a rodeiam, como acentua repetidamente em seis das respostas que deu ao questionário Marcel Proust<sup>(11)</sup>; aí declara, ao mesmo tempo, que os caracteres históricos que mais despreza são os brutais, os violentos, os satisfeitos, os complacentes e os hábeis.

Tratando-se de alguém que não esconde o seu orgulho pelas origens católicas e que procurou mover-se sempre numa linha ascensional de exigência de espírito, não será porventura descabido ousar entrever nas virtudes do seu sonho uma certa ressonância do texto neotestamentário que nos diz consistir o fruto do Espírito em toda a bondade, justiça e verdade (*Éfes.*, 5,9). É que estamos, para mais, em face duma admiradora comovida de S. Francisco de Assis, de S. Bernardo, de Mestre Eckhart e da Madre Teresa de Calcutá, como podemos ler em *Les yeux ouverts* (240) — ali onde a escritora afirma peremptoriamente recusar por igual as palavras pessimismo e optimismo, porque do que se trata é de «ter os olhos abertos» e de fazer o melhor a partir daquilo que se apresenta, pois mesmo «Cristo sabia que apenas uma pequena parte do grão cai na boa terra».

É nessa base de realismo exigente e militante que assenta a responsabilidade duma escritora cujos personagens colocam interrogações essenciais e se empenham por melhorar o mundo e a condição humana; isso porque, explica ela no citado questionário Marcel Proust, todas as reformas estão apenas no estado de esboço e nenhuma é definitiva, ou antes, as mais essenciais estão por fazer, alargar e prosseguir: «Tudo está por fazer, e em todos os domínios, e as nossas necessidades e

(10) Ed. cit., p. 128.

(11) Publicado em *Livres de France*, Mai, 1964, e cit. por Jean Blot, *Marguerite Yourcenar*, Seghers, Paris, 1971, pp. 173-182.

os nossos perigos são mais urgentes e mais mortais do que o eram no tempo de Adriano»<sup>(12)</sup>.

Nessa linha, bate-se Yourcenar por uma educação verdadeiramente humana, cujo conteúdo de base explícita em *Les yeux ouverts* (254), condenando frontalmente «a ignorância que reina neste momento tanto nas democracias como nos regimes totalitários. Esta ignorância é tão forte, às vezes tão total, que a diríamos desejada pelo sistema, senão pelo regime».

Poderíamos prosseguir, assim, na referência a outros aspectos do nosso mundo que Marguerite Yourcenar contempla de *olhos abertos*, que é como quem diz sem se desentender dos problemas, pois «nunca é tarde para tentar fazer bem» (*ib.*, 295); é que nem o destino é irrevogável nem «o que é utópico é necessariamente impossível» (255), embora haja «movimentos quase sísmicos que agitam por toda a parte o mundo» e dificultam em muito o sonho da Idade de ouro (251).

Pelo meio, a complicar tudo e a engrandecer a incógnita — recorda ela em *Archives du Nord* (13) — anda sempre o homem com os seus poderes, com o seu terrível dom de ir mais além no bem e no mal, com a sua horrível e sublime faculdade de opção.

É a esse homem que a premiada de Estrasburgo vem repetir em muitas passagens dos seus livros, mas mais explicitamente nos *Contos Orientais* (14), que nos é necessária «a dádiva de uma alma e de uma percepção novas». Uma e outra vez, volta a insinuar que os nossos olhos devem permanecer não só abertos mas claros, já que eles, como os de Wang-Fô da primeira narrativa do livro, «são as duas portas mágicas» que nos abrem o nosso verdadeiro reino.

Nesse reino, só temos entrada franca através da experiência essencial duma certa plenitude do humano.

Mas é no tempo, com todo o seu poder de apelo, que tal experiência acontece; porém, no seu ponto alto de incandescência e, portanto, com um cunho de universalidade, somente é dado vivê-la a quem dispuser dessa rara memória cultural e humana que se afigura atributo notório de Marguerite Yourcenar.

---

(12) *Loc. cit.*, pp. 181-182.

(13) Gallimard, Paris, 1977, p. 21.

(14) *Nouvelles orientales*, Gallimard, 1938; citamos a trad. brasileira, feita sobre edição de 1963, com o título *Contos orientais*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983, pp. 14 e 24.